

XVIII

CIC

XI ENPOS
I MOSTRA CIENTÍFICA



Evoluir sem extinguir:
por uma ciência do devir



VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS USADA NAS COMUNIDADES ESCOLARES SURDAS POR ALUNOS SURDOS DA REGIÃO SUL- PELOTAS E RIO GRANDE

PEREIRA, Karina Ávila¹

1-Programa de Pós-Graduação em Educação- FAE-UFPEL
Rua Alberto Rosa nº 154 – Porto/Pelotas - karina-pereira@pop.com.br

1. INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, faz-se necessário um estudo investigativo sobre as variações existentes na Língua Brasileira de Sinais (Libras), utilizada por comunidades escolares surdas do Rio Grande do Sul, bem como seu efetivo registro para futuros estudos, os quais nos permitirão mapear a evolução da língua de sinais utilizada pelos surdos gaúchos, mais especificamente, das comunidades dos surdos da região sul do estado, e analisar as relações de poder envolvidas na oficialização de uma variante. Ao analisarmos as línguas de sinais, estamos tratando também das relações entre linguagem e sociedade. Ao estudar-se qualquer comunidade que usa uma língua, constata-se, de imediato, a existência de diversidade ou de variação, ou seja, a comunidade lingüística (no caso aqui investigado, a comunidade de surdos) se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de usar a língua de sinais. Desta forma, esta pesquisa pretende analisar a variação encontrada nos diferentes falares dos usuários da Libras e não mudanças que possam ter ocorrido ao longo dos anos.

As línguas de sinais são línguas naturais das comunidades surdas e, contrariando o que muitas pessoas imaginam, as mesmas não são simplesmente mímicas e gestos soltos, utilizados pelos surdos para facilitar a comunicação, pois elas possuem estruturas gramaticais próprias, bem como níveis lingüísticos: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático que caracterizam as línguas naturais. O que diferencia as línguas de sinais das demais línguas é a sua modalidade **visual-espacial** (Karnopp, 1999). Há também a crença de que haveria uma única língua de sinais usada por todas as pessoas surdas, sendo essa convicção errônea, porque cada país possui sua própria língua de sinais. Nos Estados Unidos, bem como no Canadá (onde se fala o Inglês como língua oficial), temos a ASL, *American Sign Language*, na França, a Língua Francesa de Sinais; em Portugal, a Língua Gestual Portuguesa, assim como em outros países. No entanto, existem dentro de um mesmo país variações regionais da língua de sinais, assim como variações existem nas línguas oralizadas. No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais - a Libras - somente teve sua oficialização como língua nacional pela lei 10.436 de 24 de abril de 2002. A presente pesquisa pretende analisar a fala, e aqui me refiro à fala não como produção oral, mas como manifestação do pensamento através da Libras – em sua produção gestual. Um dos objetivos propostos neste trabalho é analisar as variantes dialetais utilizadas por alunos que freqüentam escolas de surdos, usuários da língua de sinais. Além disso, pretendo investigar: o modo como os alunos estão aprendendo, bem

como a percepção que eles têm da língua; o espaço que é dado à Libras no currículo dessas escolas; e as relações de poder que envolvem a escolha de um determinado sinal, pelos usuários da língua.

A comunidade surda se apresenta como grupo cultural diferente do grupo dos ouvintes, que são indivíduos que adquiriram suas experiências de vida através do canal oral-auditivo (Skliar, 1998). Os surdos, apresentando uma identidade e cultura próprias de suas experiências, também dispõem de uma língua que os remete às suas experiências visuais. A língua de sinais para os surdos é uma marca de suas identidades e o papel das escolas de surdos é incentivar essa marca. (Perlin, 1998), ou seja, valorizar o ensino e difusão da Libras, como elemento propiciador de comunicação entre seus pares e também com o mundo ouvinte, assim como elemento característico de uma cultura.

2. MATERIAIS E METODOS

O método de pesquisa visa identificar e registrar as variantes lingüísticas utilizadas pelas comunidades gaúchas de alunos surdos, com identidades surdas. Visa, assim, identificar se essas variantes estão relacionadas a fatores socioeconômicos e educacionais e registrar essas variações para posterior análise.

O aspecto de delineamento desta pesquisa caracteriza-se por sua natureza descritiva com uma análise qualitativa que será destinada a responder os objetivos propostos pela pesquisadora. A coleta de dados será realizada pela própria pesquisadora nas escolas de surdos de Pelotas e Rio Grande. A escolha dessas duas cidades deve-se ao fato de ambas possuírem escolas de surdos e uma forte militância de suas comunidades surdas em busca de seus direitos educacionais e lingüísticos. A coleta de dados ficara distribuída da seguinte forma:

Parte 1: Entrevista, para posterior análise sociolingüística, com um aluno de cada turma das séries finais (5^a, 6^a, 7^a e 8^a) e um aluno de cada série do ensino médio, totalizando, assim, sete alunos de cada escola.

Parte 2: Questionário aplicado aos professores abordando questões relativas às suas percepções sobre as possíveis variações que ocorram no espaço escolar e posterior análise;

Parte 3: Análise documental dos PPP das escolas, para identificar como é abordada a língua de sinais e suas variações nos conteúdos curriculares;

Parte 4: Entrevista com TILS- Tradutores-intérpretes da Libras e análise de suas narrativas procurando entender como esses profissionais observam as variações da língua de sinais e que estratégias são utilizadas no momento da tradução .

A técnica de amostragem será dividida da seguinte forma: aproximadamente quatorze alunos do ensino fundamental e médio das duas escolas (entrevista); professores de línguas – língua Portuguesa e de Libras, quando este profissional existir na escola (questionário) e quatro TILS- Tradutores-Intérpretes da Língua de sinais, dois de Pelotas e dois de Rio Grande, se estes profissionais existirem. A utilização de câmera de vídeo e gravadores serão essenciais para o desenvolvimento do trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente pesquisa constitui-se como projeto de pesquisa do Mestrado em Educação, e ainda não apresenta resultados finais, pois se encontra em fase inicial de desenvolvimento. O que é possível afirmar, mediante relatos dos próprios alunos surdos é que nos momentos em que não existe um sinal específico para uma palavra, os surdos criam um sinal provisório para ser utilizado no momento da interpretação. No entanto, fora do ambiente onde o sinal foi criado, nem sempre este sinal é compreendido por outros usuários da língua de sinais. Constata-se também a criação de alguns sinais dentro da

comunidade surda, mesmo que já existam sinais oficiais demonstrando uma possibilidade de variação lingüística nessas comunidades.

4. CONCLUSÕES

A análise das variações lingüísticas da Libras - utilizada por alunos surdos gaúchos pretenderá ir ao encontro dos ideais do movimento surdo, o qual luta pelo reconhecimento dos seus direitos lingüísticos e é a favor do *status* de língua e não de linguagem para a Libras, além de defender a relevância os registros destas formas, para que as mesmas não se percam no tempo, já que estas representam um modo de pensar e agir de um determinado grupo social, em um determinado período histórico. Outras pesquisas semelhantes demonstram que conhecendo as variações de uma determinada língua é possível conhecer mais sobre os sujeitos falantes-usuários dessa língua e as relações de poder envolvidas na escolha e oficialização dessas variações que possivelmente constituirão novos sinais da língua, além de descrever qual é a visão da escolas de surdos a respeito dessas variações bem como refletir sobre o espaço que elas recebem no currículo escolar.

5.REFERÊNCIAS

KARNOFF, Lodenir B.; QUADROS, Ronice Müller de. Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos. 1ª. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004. 221 p.

LEI FEDERAL 10.436 de 24 de Abril de 2002. Disponível em www.leidelibras.gov.br. Acessado em 10/09/2008

PERLIN, Gladis T.T. Identidades surdas, in: Surdez: Um olhar sobre as diferenças. 2. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998. v. 1. 192 p.

SKLIAR, C. B. (Org.) . A Surdez: Um olhar sobre as diferenças. 2. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998. v. 1. 192 p.